



IX ENCONTRO BRASILEIRO DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

ISSN: 2594-5688

secretaria@sbap.org.br

Sociedade Brasileira de Administração Pública

ARTIGO

**PÓS-DESENVOLVIMENTO, PÓS-COLONIALISMO E
DECOLONIALISMO:: DIVERGÊNCIAS E CONVERGÊNCIAS
ENTRE OS PARADIGMAS A PARTIR DE UMA REVISÃO
INTEGRATIVA**

TALES LEMOS MOREIRA, JOSÉ DE ARIMATÉIA DIAS VALADÃO,

**GRUPO TEMÁTICO: 12 Gestão social, poder local e
desenvolvimento territorial**

IX Encontro Brasileiro de Administração Pública, São Paulo/SP, 5 a 7 de outubro de 2022.
Sociedade Brasileira de Administração Pública
Brasil

Disponível em: <https://sbap.org.br/>

Pós-desenvolvimento, pós-colonialismo e decolonialismo: divergências e convergências entre os paradigmas a partir de uma revisão integrativa

Resumo:

O presente artigo tem como objetivo vislumbrar onde e como os paradigmas do Pós-desenvolvimento e do Pós-colonialismo/Decolonialismo convergem e divergem. Para responder tal questão, a pesquisa, inicialmente, discutiu os conceitos de Pós-desenvolvimento, Pós-colonialismo e Decolonialismo. Metodologicamente foi realizada uma revisão integrativa, baseada em seis etapas, utilizando-se publicações encontradas na base científica *Scopus*. Foram contemplados inicialmente 30 publicações e, após a aplicação dos filtros, um número total de 12 obras foram relacionadas à temática, sendo então, devidamente inspecionadas. A integração encontrou resultados de divergências entre o Pós-colonialismo e o Decolonialismo e convergências entre o Pós-desenvolvimento e o Decolonialismo relacionadas a Sustentabilidade; Paradigmas na Prática; Relação Academia-Campo; Contribuições do Norte e Pós-coloniais e Propostas de Sinergias. Por fim, a pesquisa apresenta uma síntese do percurso histórico do campo, seguido de uma agenda de estudos futuros sobre a temática.

Palavras-chave: Pós-desenvolvimento. Pós-colonialismo. Decolonialismo. Sustentabilidade. Prática.

1 Introdução

Com o advento da globalização social, ideológica e tecnológica (simbolizada pelo discurso de Truman, presidente dos EUA em 1949), o modelo de desenvolvimento surgiu como uma resposta aos problemas do mundo. Na prática, levou para os povos cultura, tecnologia e visões de mundo homogêneas - imposição de valores e interesses (ESCOBAR, 1995; FERGUSON, 2006; RADOMSKY, 2011; GONZÁLEZ; VÁZQUEZ, 2015; KHOO, 2015; RINALDI, 2021).

Apesar da popularidade, o modelo não deixou de ser alvo de muitas críticas e propostas alternativas. Desde a segunda metade do século XX, acadêmicos e ativistas de diversas áreas apontavam para o colapso inevitável do desenvolvimento, tanto em questões econômicas, como sociais e ambientais (MEADOWS; RANDERS, 2012). Dentre as críticas, algumas tiveram destaque nos debates pelo mundo: o Pós-desenvolvimento, o Pós-colonialismo e o Decolonialismo.

O Pós-desenvolvimento se concentra na crítica ao desenvolvimento, atribuindo-o como uma ferramenta de homogeneização cultural, econômica e ideológica (FERGUSON, 1990; ESCOBAR, 1995). O Pós-colonialismo e Decolonialismo também se baseiam em dilemas semelhantes aos elencados pelo Pós-desenvolvimento, mas direciona o locus do problema ao período das colonizações europeias (RINALDI, 2021). Autoras como Bruman (2016) e Hlengwa (2019) ressaltam a capacidade desse efeito colonizador nos povos do Sul-Global de sequestrar as identidades do ser, do saber e do poder e também do despertar de traumas psíquicos.

Todavia, estudos como os de Radomsky (2011), Matthews (2017) e Asher e Wainwright (2019) apontam alguns problemas do Pós-desenvolvimento como a heterogeneidade de ideias, a falta de teorias sólidas e a incapacidade de analisar o fenômeno do capitalismo e do desenvolvimento em

suas raízes. Do outro lado, paralelamente, os paradigmas do Pós-colonialismo e Decolonialismo são criticados pela ideia de colonização mental e também sobre suas tendências à ancestralidade dos povos (MATTHEWS, 2017; ASHER; WAINWRIGHT, 2019). Sobre esses dilemas, Rinaldi (2021) destaca que atualmente tem se buscado aproximações entre os paradigmas, visando provocar uma evolução na discussão e revelar soluções para os problemas e novos caminhos.

Com base nessa complexidade, este artigo se debruça sobre a seguinte questão: onde e como os paradigmas do Pós-desenvolvimento e do Pós-colonialismo/Decolonialismo convergem e divergem? Assim, a pesquisa busca encontrar as divergências e convergências entre as abordagens alternativas ao desenvolvimento. Entende-se que há distâncias a serem sanadas entre a produção acadêmica sobre o assunto e as alternativas observadas empiricamente (CALÁS; SMIRCICH, 1999; SANTOS, 2015; ASHER; WAINWRIGHT, 2019). Esse debate carece de aprofundamentos para que se permita a aceitação e valorização de identidades e conhecimentos nas organizações e suas especificidades (CALÁS; SMIRCICH 1999). Para além desta introdução, o artigo conta com uma contextualização dos paradigmas, apresentação do percurso metodológico adotado, integração e, por fim, as considerações finais e pareceres.

2 Percursos metodológicos

O artigo se configura como uma revisão integrativa. Para tal, foi traçado o percurso proposto por Souza, Silva e Carvalho (2010) em suas seis etapas. A proposta de Souza, Silva e Carvalho (2010) se enquadra no *locus* da pesquisa por sua característica esmiuçante, direcionadora e crítica das informações. A princípio foi elaborada a questão norteadora da pesquisa (1) que foi: onde e como os paradigmas do Pós-desenvolvimento e do Pós-colonialismo/Decolonialismo convergem e divergem? Após, originou-se uma busca (realizada em Maio de 2022) na base científica *Scopus* (2), escolhida pela sua abrangência e estrutura (BURNHAM, 2006), para a coleta de informações. A seguinte *string* de busca foi elaborada conforme a seguinte estrutura: TITLE-ABS-KEY(decoloni*) AND TITLE-ABS-KEY(post-develop* OR anti-develop* OR develop*_criticism OR postdevelop*).

A primeira coleta baseou-se em 30 (trinta) publicações (3). As referências foram descarregadas no gerenciador de referências EndNote para melhor visualização e tratamento dos conteúdos. Após, foram postulados dois critérios para a filtragem crítica (4) das referências, sendo eles a disponibilidade integral das publicações e o enquadramento dentro dos estudos organizacionais.

A triagem final compilou 12 publicações, exaustivamente exploradas. A leitura rigorosa se comprometeu a desvendar a resposta para a pergunta norteadora (5).

A última etapa consistiu na devida categorização dos achados, por meio da leitura das 12 publicações selecionadas (conforme Quadro 1), para fins de organização da integração (6). Os achados resultaram em cinco temáticas a saber: Sustentabilidade; Paradigmas na Prática; Relação Academia-Campo; Contribuições do Norte e Pós-coloniais e; Propostas de Sinergias.

Quadro 1 - Frente de pesquisa contemplada

Título	Autores(as)
After Post-Development: On Capitalism, Difference, and Representation	Asher e Wainwright (2019)
An Ontological Turn in the Debate on Buen Vivir – Sumak Kawsay in Ecuador: Ideology, Knowledge, and the Common	González e Vázquez (2015)
The colonial legacy in Cambridge Assessment literature syllabi	Golding e Kopsick (2019)
Colonised minds? Post-development theory and the desirability of development in Africa	Matthews (2017)
Desenvolvimento, pós-estruturalismo e Pós-desenvolvimento A crítica da modernidade e a emergência de “modernidades” alternativas	Radomsky (2011)
Infusion of indigenous knowledge into the teaching of ecotourism entrepreneurship	Hlengwa (2019)
Fanon’s other children: psychopolitical and pedagogical implications	Burman (2016)
Development Studies	Khoo (2015)
Das colonialidades à emergência de um novo paradigma no Semiárido brasileiro desde as racionalidades camponesas: um caminhar para além do desenvolvimento?	Silva e Pereira (2020)
The Age of Transition Postdevelopment and North-South Synergies	Rinaldi (2021)
Desarrollo sostenible: Crítica al modelo de civilización occidental	Gonzalez, Berrío e Cuello (2021)
La renovación de la crítica al desarrollo y el buen vivir como alternativa	Gudynas e Acosta (2011)

Fonte: elaboração própria.

3 Distanciamentos e aproximações entre o Pós-desenvolvimento e o Pós-colonialismo/Decolonialismo

Inicialmente, o encontro entre o Pós-desenvolvimento e o Decolonialismo sanou, de certo modo, o problema da falta de compreensão dos determinantes do desenvolvimento (ASHER; WAINWRIGHT, 2019), quando vislumbrou a relação entre os problemas do desenvolvimento com

o aspecto colonial europeu (MIGNOLO; 1995; 2000). Uma das premissas fundamentais que relacionam o Pós-desenvolvimento com o Decolonialismo é, conforme Mignolo (1995; 2000), a indissociabilidade entre modernidade, desenvolvimento (duas características cruciais da crítica Pós-desenvolvimentista) e colonialidade advinda da Europa (fundamento básico do Pós-colonialismo e Decolonialismo).

Essa aproximação entre os paradigmas contribuiu para o corpo teórico e fomentou a discussão nos anos seguintes, crescendo e abordando novas lacunas percebidas das consequências do desenvolvimento e da colonização, tendo em vista a constante transformação do Pós-desenvolvimento e as alternativas emanadas desde então (RAHNEMA; BAWTREE, 1997; GUDYNAS; ACOSTA, 2011; GONZÁLEZ; VÁZQUEZ, 2015; ACOSTA, 2019).

Por fim, salienta-se que o Decolonialismo se separa do Pós-colonialismo (de origem indiana) no momento em que se vislumbrou a necessidade de compreender separadamente as condições latino americanas, gerando grupos de estudos latino americanos, guiados por Walter Mignolo (RINALDI, 2021). Com essa separação, deu-se o marco divisório que tornou os paradigmas discrimináveis (ainda que manifestem diversas semelhanças).

4.1 Sustentabilidade

Os paradigmas do Pós-desenvolvimento e do Decolonialismo possuem confluências importantes sobre as relações humano-natureza. O século XX foi marcado pelas propostas de desenvolvimento junto a integração do meio ambiente como algo a ser considerado e preservado dentro do sistema de produção (KHOO, 2015). Essa necessidade surgiu devido à abordagem comercial atribuída à natureza, que é deixada de lado para assumir caráter instrumental nas mãos humanas (RADOMSKY, 2011; SILVA; PEREIRA, 2020). Esse extrativismo de recursos naturais também possui origem colonial e, segundo Walsh (2008), se configura como uma colonialidade da natureza.

Desde o final do século XX a ciência levantou dados sobre a necessidade de se repensar as organizações sociais e de produção de maneira mais sustentável (MEADOWS *et al.*, 1972; GONZALEZ; BERRÍO; CUELLO, 2021), o que fomentou, ainda nesse período, tratados e convenções políticas internacionais para a proposição de ações ecológicas (GONZALEZ; BERRÍO; CUELLO, 2021). O Quadro 2 apresenta um compilado das novas abordagens organizacionais destacadas pela frente de pesquisa.

Quadro 2 - novas abordagens organizacionais sustentáveis

Autores(as)	Abordagem
Gudynas e Acosta (2011)	Biocentrismo - ser humano como parte da cadeia complexa biológica, sem distinção de valor, visando o bem comum (COSTA, 2009)
Asher e Wainwright (2019)	Gênero sensível, Orientação indígena (ESCOBAR, 2011)
Hlengwa (2019)	Ecoturismo - turismo com destino às áreas intocadas, naturezas selvagens
Silva e Pereira (2020)	Aprendizado com a natureza
Bruman (2016); Silva e Pereira (2020)	Princípio feminino - relação mulher-natureza
Gonzalez, Berrío e Cuello (2021)	O Bem Viver - Reconexão com a tradição e natureza

Fonte: elaboração própria.

4.2 Paradigmas na Prática

Não demorou muito até que as primeiras tentativas de organização não-desenvolvimentista surgissem pelo mundo. Asher e Wainwright (2019) vislumbraram práticas contra hegemônicas e não capitalistas desde a década de 1990¹. Rinaldi (2021) ressalta a tentativa (falha) da ONU em integrar as mulheres ao seu programa de desenvolvimento. Essa incompatibilidade de objetivos salienta a relação inconsistente entre as mulheres e o crescimento econômico e a relação indissociável entre o Desenvolvimento, o Capitalismo e o Patriarcado. Destacam-se também o Pós-extrativismo; economia livre de combustível fóssil; práticas agroecológicas, associações camponesas, economias solidárias e também o *Swaraj* Ecológico² ou democracia ecológica radical (RINALDI, 2021).

Silva e Pereira (2020) apresentam o Paradigma da Convivência com o Semiárido Brasileiro. Essa prática descoloniza a visão do semiárido como um ambiente de seca e de atraso, sendo esses pressupostos, advindos dos problemas causados pela colonização³ (SILVA; PEREIRA, 2020). O Paradigma da Convivência com o Semiárido adotou diversas estratégias de resistência ao colonialismo na região, como organização popular, práticas econômicas solidárias, pluriatividades e saberes, cultura festiva e redes de poder (SILVA; PEREIRA, 2020).

¹ Movimento dos Zapatistas - organização democrática indígena mexicana de caráter participatório contra a hegemonia liberal (STARR; MARTÍNEZ-TORRES; ROSSET, 2011).

² Abordagem democrática originada na Índia. Preza pela autoconfiança e o autogoverno, promove capacitação de pessoas para a participação efetiva nas decisões políticas e visa o bem estar humano holístico, considerando aspectos físicos, materiais, intelectuais, socioculturais e espirituais (DEMARIA; KOTHARI, 2017).

³ Privação da educação; Colonização do ser e saber; Desconsideração das naturalidades do semiárido, causando a falsa impressão de ambiente deficitário (SILVA; PEREIRA, 2020).

No continente africano, Matthews (2017) evidencia a tentativa (falha) da ONG *Enda Graf Sahel - EGS*, em Dakar, de promover ações Pós-desenvolvimentistas. Destaca-se a incapacidade da ONG de lidar adequadamente com os preceitos do Pós-desenvolvimento, e por fim, a conclusão de que o paradigma não foi consolidado na organização como deveria, promovendo práticas ainda desenvolvimentistas.

Por último, Gudynas e Acosta (2011) e González e Vázquez (2015) apresentam o projeto *Buen Vivir* ou Bem Viver (BV). O BV tem suas origens advindas de “uma cosmovisão construída por meio de muitos anos pelos povos altiplanos dos Andes⁴, que se tornaram invisíveis frente ao colonialismo, patriarcalismo e capitalismo” (ALCANTARA; SAMPAIO, 2017, p. 234). Escobar (2011) caracteriza o BV como um movimento Decolonial, pós-neoliberal e Pós-desenvolvimentista, e ressalta sua origem da reflexão acadêmica sobre os movimentos e organizações sociais. O discurso do BV adentrou governos e constituições na América Latina e desencadeou novos dilemas e reflexões sobre os paradigmas dominantes e as organizações (GUDYNAS; ACOSTA, 2011; GONZÁLEZ; VÁZQUEZ, 2015).

As duas principais nações ligadas ao projeto são Equador e Bolívia. A expectativa quanto ao modelo de organização enfrentou barreiras diante da realidade política dos países. Enquanto no Equador o BV foi adotado de forma mais institucional⁵, na Bolívia o BV atua como princípio moral, dando margens para desvirtuações para com a natureza, permitindo inclusive sua industrialização (GUDYNAS; ACOSTA, 2011; GONZÁLEZ; VÁZQUEZ, 2015).

Dentre os anos de 2009 a 2013, houve a tentativa de implementação do Plano Nacional para o Bem-Viver, buscando a organização e sistematização do projeto no Equador (GUDYNAS; ACOSTA, 2011). Os autores, porém, salientam a complexidade de encarar o BV sistematicamente, devido ao seu caráter relativista. O projeto, por ser originado de filosofias e tradições indígenas, existe mais como um ideário filosófico, como diretrizes subjetivas e locais, do que como um planejamento institucionalizado, que tende a sucumbir aos processos semelhantes ao modelo hegemônico (GUDYNAS; ACOSTA, 2011).

González e Vázquez (2015) concluíram que, por meio desses fatores, na prática o BV se tornou um discurso governamental e sofre influências diretas do capital e os modos de organização

⁴ Originalmente com os nomes nativos de *Sumak Kawsai* em *Quechua* ou *Suma Qamañ* em *Aymara* (ALCANTARA; SAMPAIO, 2017).

⁵ Natureza como existência possuidora de direitos (direitos da natureza).

dos quais se propôs inicialmente a antagonizar. O que se percebe é uma necessidade de entendimento do BV por meio de uma lente mais ontológica, compreendendo cada projeto dentro de seus próprios termos, considerando cada localidade, realidade e suas nuances e desenrolá-lo de observações e discursos epistemológicos, que atribuem vieses “outros”, que não cabem dentro das realidades locais (GONZÁLEZ; VÁZQUEZ, 2015). Tais dificuldades na sustentação dessas organizações “outras”, confluem com as percepções de Couto, Honorato e Silva (2019), sobre os dilemas cotidianos dessas organizações que perpassam pelas pressões externas capitalistas e coloniais.

Todo o debate em torno de ações, movimentos e alternativas organizacionais transpassam pelas organizações sociais e comunais. Tönnies (1942) caracteriza as sociedades organizações fundamentadas na dispersão, enquanto as comunidades, fundamentadas na união. Sobre isso, percebe-se o embate inevitável entre o BV, que é baseado no comunal/local, diante da sua inserção em países organizados socialmente, que segundo Weber (1982) têm, via burocracia, a capacidade de transformar ações comunitárias em societárias, com diretrizes racionalizadas. Tal percepção de Weber é confluyente com o pensamento de Escobar (2015) sobre o caráter fundamental dos conceitos de comunidade e comunal para as novas organizações sociais.

4.3 Relação Academia-Campo

A relação entre os paradigmas significa também uma relação entre os ambientes acadêmicos e os contextos empíricos. Desde os primeiros trabalhos de Escobar (1995) já se almejava a interseção entre os conhecimentos acadêmicos às práticas dos movimentos sociais (ASHER; WAINWRIGHT, 2019). De acordo com Rinaldi (2021), o próprio Decolonialismo é fruto das tradições indígenas e africanas junto da sociedade civil, organizações e estudiosos. Gudynas e Acosta (2011) também destacam o BV como resultado da reflexão acadêmica sobre os movimentos sociais.

Todavia, essa relação não acontece de maneira harmoniosa e bem resolvida. Segundo Maldonado-Torres (2007), a colonização está presente na escrita e nas produções acadêmicas, na cultura e em diversos âmbitos, ainda que subjetivos do cotidiano do Sul-Global. As marcas coloniais entram o diálogo adequado entre os dois ambientes, que na perspectiva de autoras e autores, é uma das vias fundamentais para a resolução da crise civilizacional (RADOMKSY, 2011; RINALDI, 2021). O Quadro 3 organiza, por obra, os dilemas envoltos da abordagem Academia-Campo.

Quadro 3 - dilemas Academia-Campo

Obra	Dilemas Academia-Campo
González e Vázquez (2015)	Falha acadêmica no acompanhamento do BV no Equador. Abordagens institucionais e formais nas economias solidárias vão contra a premissa relativista do BV; Divergência entre a academia e os conhecimentos indígenas (o BV como um produto complexo entre a tradição do <i>Sumak Kawsai</i> e os conhecimentos acadêmicos); Necessidade de se pensar um trabalho acadêmico que atenda aos desafios do BV; Menos discursos e mais articulações com as ontologias locais
Khoo (2015)	A academia está sendo desafiada pelo ambiente político a ater-se menos nos problemas e focar na busca e produção de soluções para os dilemas sociais
Hlengwa (2019)	O ambiente acadêmico africano é colonizado. Ignora suas próprias raízes e tradições.
Golding e Kopsick (2019)	Destacam o impacto da colonização acadêmica da <i>Cambridge Assessment International Education</i> - CIAE nos currículos por ela espalhados pelo mundo
Silva e Pereira (2020)	Destacam as Sociologias das Ausências e das Emergências de Santos (2018) dentro da realidade do semiárido brasileiro e seu paradigma da convivência
Rinaldi (2021)	O BV, no início, adentrou ao discurso acadêmico como uma alternativa, mas os países aderentes permaneceram atrelados às práticas extrativistas, com dominação de exportação, investimento e consumismo; As comunidades indígenas da América apontaram críticas a apropriação falha do BV pela academia e o Estado; A proposta do Pluriverso de Escobar se desdobrou como estrutura conceitual e filosófica para práticas baseadas nas localidades, e não como agenda política (institucional, formal), devido a sua essência relativista, contextual e variável às realidades

Fonte: elaboração própria.

4.4 Contribuições do Norte e Pós-coloniais

Vale destacar também as contribuições e aproximações advindas do pensamento hegemônico e Pós-colonial. Gudynas e Acosta (2011) pontuaram a Ecologia Profunda, fundada pelo filósofo norueguês Arne Naess em 1973 (GOLDIM, 1999) e, que segundo Capra (1996), emprega uma visão holística e integrada do planeta. Capra (1996) argumenta que a ecologia não-profunda, ou rasa, é centrada no ser humano e faz distinção entre nós e a natureza, considerando-a apenas um instrumento manipulável.

Em relação às abordagens Pós-coloniais, Goldin e Kopsick (2019), Asher e Ramamurthy (2020) e Rinaldi (2021) destacam a importância e influência dos movimentos feministas (Pós-coloniais e Decoloniais) para subverter o pensamento dominante, de produção de conhecimento e transformar as políticas desiguais causadas pela história colonial.

4.5 Propostas de Sinergias

Um das principais convergências entre os paradigmas pós-desenvolvimento, pós-colonialismo e decolonialismo é o entendimento de que o discurso do desenvolvimento, conforme Rinaldi (2021, p. 242), não é capaz de “validar os saberes tradicionais e as diversas atividades das mulheres realizadas em uma lógica de sustentação e proteção da vida e da natureza”. A realidade que se percebe é de entendimento mútuo do problema, junto da falta de soluções definitivamente eficazes, tendo em vista o foco equivocado da academia sob o problema e a desatenção à solução (KHOO, 2015).

Todavia, a sinergia global científica rumo às soluções, ainda carece de forças. As importantes propostas de união de epistemologias e ontologias (SILVA; PEREIRA, 2020) entre o norte e o sul são “limitadas e conflitantes” (RINALDI, 2021, p. 249). Autoras e autores da frente de pesquisa ressaltam a necessidade de união acadêmica entre o norte e o sul, para construir pontes como “uma era Pós-desenvolvimento” (RADOMSKY, 2011, p. 154), abordagens coconstrutivas, ou seja, estudos pluricompostos de maneira global e igual (KHOO, 2015), abordagens descolonizadoras do desenvolvimento sustentável (GONZALEZ; BERRÍO CUELLO, 2021) e conforme Rinaldi (2021), as abordagens do Pluriverso (ESCOBAR, 2011), ou seja, estrutura conceitual para muitos modos de ação baseados no local devido a sua essencialidade contextual e variável às realidades (RINALDI, 2021) e as abordagem de sinergias epistemológicas (SANTOS, 2015), união do racionalismo/pragmatismo do norte com a espiritualidade do sul, diálogo entre ciência, religião e conhecimento popular e promover paradigmas excluídos.

5 Considerações finais

Este artigo propôs-se a revisar a literatura tocante aos paradigmas do Pós-desenvolvimento e Decolonialismo/Pós-colonialismo, originados de autores como Ferguson (1990), Escobar (1995) e Mignolo (1995), de modo a compreender de onde e como os paradigmas convergem e divergem.

Com base em 12 publicações encontradas na base científica *Scopus*, foram encontradas divergências e convergências principalmente relacionadas a Sustentabilidade, Paradigmas na Prática, Relação Academia-Campo, Contribuições do Norte e Pós-coloniais e Propostas de Sinergias. Cronologicamente, o contexto se inicia pelo Pós-desenvolvimento com Ferguson (1990) e Escobar (1995); paralelamente, os estudos Pós-coloniais e Decoloniais se separam, devido a necessidade do pensamento latino próprio (RINALDI, 2021); o encontro dos paradigmas sanando a falta de

compreensão do Pós-desenvolvimento em compreender os determinantes do desenvolvimento: origem colonial européia (MIGNOLO, 1995, 2000); o surgimento de práticas sustentáveis alternativas ao desenvolvimento e; a atual urgência de diálogo entre epistemologias do Norte e do Sul (KHOO, 2015; SANTOS, 2015; RINALDI, 2021).

O artigo apresenta para os estudos organizacionais como se encontra o estado da arte sobre os paradigmas e suas relações, como o desenvolvimento e o colonialismo afetam (com o pensamento capitalista/produtivista e com as colonialidades) as diversas formas de organizações, e aponta (conforme Quadro 4) caminhos a serem seguidos pela ciência, com base nos apelos da frente de pesquisa.

Quadro 4 - agenda de estudos futuros das últimas obras da frente de pesquisa

Autores(as)	Objetivo	Sugestões
Matthews (2017)	Desenvolver uma linha de raciocínio que demonstra a teoria Pós-desenvolvimento como sendo incapaz de explicar a perspectiva africana	Estudos que induzam o Norte-Global a repensar a sua lógica capitalista desigual, ao invés de propor ao Sul-Global que rejeite a riqueza do Norte-Global; Destaca modelos de economias decrescentes como soluções
Hlengwa (2019)	Observar na África um caso de conciliação entre a educação moderna e as práticas originárias de conhecimento africano	Pontes entre o empreendedorismo e conhecimento indígena; Utilização da tecnologia para promover e melhorar as tradições africanas (africanização)
Golding e Kopsick (2019)	Analisar a representatividade de povos nos currículos da <i>Cambridge Assessment International Education</i>	Análises considerando etnia e classe; Devida complexificação de nacionalidade e gênero; Aprofundamento nas condições e consequências da aplicação das obras usadas na CAIE
Gonzalez, Berrío e Linán (2021)	Analisar o discurso do desenvolvimento sustentável em oposição ao proposto pela modernidade eurocêntrica. Necessidade de descolonizar o desenvolvimento sustentável	Permitir diferentes ontologias e epistemologias; Considerar as realidades da América, a relação humano-natureza e romper com a racionalidade hegemônica, inclusive no discurso sustentável
Rinaldi (2021)	Construir pontes entre os modelos de pensar do norte e sul, decoloniais e pós-desenvolvimentistas	Buscar Soluções no diálogo entre as epistemologias Norte e Sul

Fonte: elaboração própria.

Por fim, devido a revisão se limitar à base *Scopus*, sugere-se estudos que contemplem outras bases científicas como a *Web of Science* e *Redalyc*, sendo esta última, inclusive, referência na América Latina, podendo apresentar diversas obras que representem mais achados Pós-desenvolvimentistas e Decoloniais do continente.

6 Referências

ACOSTA, A. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. Editora Elefante, 2019. Disponível em: < [O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos - Alberto Acosta - Google Livros](#)>

ALCANTARA, L. C. S.; SAMPAIO, C. A. C. Bem Viver como paradigma de desenvolvimento: utopia ou alternativa possível?. **Desenvolvimento e meio ambiente**, v. 40, 2017. Disponível em: < <https://revistas.ufpr.br/made/article/download/48566/32108>>

ASHER, K.; RAMAMURTHY, P. Rethinking Decolonial and postcolonial knowledges beyond regions to imagine transnational solidarity. **Hypatia**, v. 35, n. 3, p. 542-547, 2020. Disponível em: < https://www.academia.edu/download/64072847/AsherRamamurthy2020HypatiaRethinking_decolonial_and_postcolonial_.pdf>

ASHER, K.; WAINWRIGHT, J. After post-development: On capitalism, difference, and representation. **Antipode**, v. 51, n. 1, p. 25-44, 2019. Disponível em: < https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1111/anti.12430?casa_token=KUVYYeqSg3kAAAAA:uI2I5NY14472ZyWGMZTH08UahdNazLnWSt_y9nt16sxopYLc3Qt4EDN-k_h74RHCLo1BsDWE9R0CA>

BURNHAM, J. F. Scopus database: a review. **Biomedical digital libraries**, v. 3, n. 1, p. 1-8, 2006. Disponível em: < <https://bio-diglib.biomedcentral.com/articles/10.1186/1742-5581-3-1>>

BURMAN, E. Fanon's other children: Psychopolitical and pedagogical implications. **Race Ethnicity and Education**, v. 20, n. 1, p. 42-56, 2017. Disponível em: < <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/13613324.2016.1150832>>

CALÁS, M. B.; SMIRCICH, L. Past postmodernism? Reflections and tentative directions. **Academy of management review**, v. 24, n. 4, p. 649-672, 1999. Disponível em: < <https://www.jstor.org/stable/pdf/259347.pdf>>

CAPRA, F. Ecologia profunda—um novo paradigma. **Capra F. A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Editora Cultrix, p. 23-9, 1996. Disponível em: < https://www.academia.edu/download/35045617/2014811_135116_Fritjor_Capra_-_Ecologia_Profunda.pdf>

COSTA, C. A. F. da. ¿Ética ecológica o medioambiental?. **Acta amazónica**, v. 39, n. 1, p. 113-120, 2009. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/aa/a/bX7hYzTcyLxLwDCbQck4JNg/?format=pdf&lang=es>>

COUTO, F. F.; HONORATO, B. E. F.; SILVA, E. R. da. Organizações outras: diálogos entre a teoria da prática e a abordagem Decolonial de Dussel. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 23, p. 249-267, 2019. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/rac/a/dwFjWN9YQTz9ywPnjQLNBFd/?format=html>>

DEMARIA, F.; KOTHARI, A. The Post-Development Dictionary agenda: paths to the pluriverse. **Third World Quarterly**, v. 38, n. 12, p. 2588-2599, 2017. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/01436597.2017.1350821>>

ESCOBAR, A. **Encountering development: the making and unmaking of the Third World**. Princeton University Press, 1995. Disponível em: <https://lakshmibaicollege.in/Secure-admin/webroot/upload/customfiles/08062020053837Encountering_Development_TH_E_MAKING_AND.pdf>

ESCOBAR, A. **Encountering development: the making and unmaking of the Third World**. Princeton University Press, 2011. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/56602004/Escobar_Arturo_Encountering_development_cap_1_al_3.pdf>

ESCOBAR, A. Latin America at a crossroads: Alternative modernizations, post-liberalism, or post-development?. **Cultural studies**, v. 24, n. 1, p. 1-65, 2010. Disponível em: <<http://creativeecologies.ucsc.edu/wp-content/uploads/sites/196/2015/10/Escobar-Latin-America-Crossroads.pdf>>

ESCOBAR, A. Sustainability: Design for the pluriverse. **Development**, v. 54, n. 2, p. 137-140, 2011. Disponível em: <[Sustainability: Design for the pluriverse | SpringerLink](#)>

ESCOBAR, A. Territorios de diferencia: la ontología política de los "derechos al territorio". **Cuadernos de antropología social**, n. 41, p. 25-38, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.org.ar/pdf/cas/n41/n41a02.pdf>>

FERGUSON, J. **Anti-politics machine: development, depoliticization, and bureaucratic power in Lesotho**. 1990. Disponível em: <[The Anti-Politics Machine: 'Development', Depoliticization and Bureaucratic ... - James Ferguson - Google Livros](#)>

FERGUSON, J. **Global shadows: Africa in the neoliberal world order**. Duke University Press, 2006. Disponível em: <<https://www.dukeupress.edu/Global-Shadows/>>

FREIRE, P. **Pedagogy of the oppressed**. Continuum International Publishing Group, 2012.

GOLDIM, J. R. **Ecologia Profunda**. [S. l.]: UFRGS, 1999. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/bioetica/ecoprof.htm>>. Acesso em: 1 jun. 2022.

GOLDING, D.; KOPSICK, K. The colonial legacy in Cambridge Assessment literature syllabi. **Curriculum Perspectives**, v. 39, n. 1, p. 7-17, 2019. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s41297-018-00062-0>>

GONZALEZ, L. M.; BERRÍO, S. E. C.; CUELLO, Y. I. L. Sustainable Development: Criticism of the Western Civilization Model/Desarrollo sostenible: Critica al modelo de civilizacion occidental. **Revista de Filosofia (Venezuela)**, n. SI, p. NA-NA, 2021. Disponível em: <[Desarrollo sostenible: crítica al modelo de civilización occidental - Dialnet \(unirioja.es\)](#)>

GONZÁLEZ, P. A.; VÁZQUEZ, A. M. An ontological turn in the debate on buen vivir–sumak kawsay in Ecuador: Ideology, knowledge, and the common. **Latin American and Caribbean Ethnic Studies**, v. 10, n. 3, p. 315-334, 2015. Disponível em: <
https://dlc.dlib.indiana.edu/dlc/bitstream/handle/10535/9879/an_ontological_turn_on_buen_vivir_sumak_kawsay.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

GUDYNAS, E.; ACOSTA, A. La renovación de la crítica al desarrollo y el buen vivir como alternativa. **Utopía y praxis latinoamericana**, v. 16, n. 53, p. 71-83, 2011. Disponível em: <
<https://www.redalyc.org/pdf/279/27919220007.pdf>>

HLENGWA, D. C. Infusion of indigenous knowledge into the teaching of ecotourism entrepreneurship. **African Journal of Hospitality, Tourism and Leisure**, v. 8, n. 4, p. 1-13, 2019. Disponível em: <
https://www.ajhtl.com/uploads/7/1/6/3/7163688/article_7_vol_8_4_2019_dut.pdf>

KHOO, S. Development studies. **International Encyclopedia of the Social and Behavioural Sciences**, p. 307-313, 2015. Disponível em: <
https://www.researchgate.net/profile/Su-Ming-Khoo/publication/266795410_Development_Studies/links/543c07400cf2d6698be36345/Development-Studies>

MALDONADO-TORRES, N. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. **El giro Decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**, p. 127-167, 2007. Disponível em: <
<http://www.decolonialtranslation.com/espanol/maldonado-colonialidad-del-ser.pdf>>

MATTHEWS, S. Colonised minds? Post-development theory and the desirability of development in Africa. **Third World Quarterly**, v. 38, n. 12, p. 2650-2663, 2017. Disponível em: <
https://www.academia.edu/download/55131927/TWQ_version_before_proofs.pdf>

MEADOWS, D.; RANDERS, J. **The limits to growth: the 30-year update**. Routledge, 2012. Disponível em: <
<https://revistas.ucm.es/index.php/POSO/article/download/POSO0606130213A/22738/0>>

MEADOWS, D. H.; MEADOWS, D. H.; RANDERS, J.; BEHRENS III, W. W. **The limits to growth: a report to the club of Rome**, v. 91, 1972. Disponível em: <
[The Limits to Growth - Club of Rome | Policy Commons](#)>

MIGNOLO, W. **Local histories/global designs: coloniality, subaltern knowledges, and border thinking**. Princeton University Press, 2000.

MIGNOLO, W. **The darker side of the Renaissance: Literacy, territoriality, and colonization**. University of Michigan Press, 1995. Disponível em: <
[Description: The darker side of the Renaissance \(ixtheo.de\)](#)>

QUIJANO, A.; WALLERSTEIN, I. Americanity as a concept, or the Americas in the modern world. **International social science journal**, v. 44, n. 4, p. 549-557, 1992. Disponível em: <

WEBER, M. Burocracia. In: WEBER, M. **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, p. 229-282, 1982.

Realização:

SBAP
Sociedade Brasileira de Administração Pública

 Saiba mais em: sbap.org.br

Localização:

FGV EAESP

Fundação Getúlio Vargas (FGV- EAESP) São Paulo - SP